

Paris, Luiz Heitor possui uma vasta biblioteca especializada reunida ao longo de sua incansante atividade de pesquisador da música brasileira.

Além de estudioso da música, com várias obras publicadas, Mariz é diplomata. É atualmente Embaixador do Brasil em Israel, cargo que lhe facilita a correspondência e a consulta a bibliotecas. Entre seus primeiros trabalhos destacam-se *Figuras da Música Brasileira Contemporânea* (Porto, Imprensa Portuguesa, 1948), ampliado e reeditado em 1970 (Brasília, UnB) e *A Canção de Câmara no Brasil* (Porto, Livraria Progedior, 1948) que em 1980 chegou à 4ª edição como *A Canção Brasileira* (Rio de Janeiro, Cátedra).

Mas o grande mérito de Vasco Mariz é o de ter pesquisado em profundidade a vida e a obra de Villa-Lobos. Em 1949 escreveu *Heltor Villa-Lobos, Compositor Brasileiro* (Rio de Janeiro, ed. do Ministério das Relações Exteriores, da qual o MEC imprimiu a 5ª edição em 1977), obra de grande valor, traduzida para o inglês e para o francês.

Deve-se destacar seu *Dicionário Bibliográfico Musical* (Rio de Janeiro, Kosmos, 1949), único no gênero em português, que infelizmente não foi ainda ampliado ou reeditado.

Quanto à *História da Música no Brasil*, na introdução que historia a formação étnica da cultura musical brasileira citando Mário de Andrade, Renato Almeida e Regis Duprat, o autor é talvez menos extenso do que o necessário. Apesar disso, consegue traçar uma interessante divisão em que situa estilos e compositores de nossos dias. Percebe-se, entretanto, que Mariz se sente mais à vontade falando sobre o nacionalismo, Villa-Lobos e seus primeiros seguidores.

Os músicos dos séculos XVIII e XIX são apresentados nos seis primeiros capítulos onde o autor trata da música da colônia, das cortes de D. João VI e Pedro I, do Império e a da República. A Carlos Gomes é dedicado um capítulo especial.

A música do século XX é focalizada em dez capítulos. Vasco Mariz inicia esta parte com Villa-Lobos e o que chama de Primeira Geração Nacionalista. Conforme sua divisão por tendências e escolas, agrupa os compositores da Segunda e Terceira Gerações Nacionalistas. Camargo Guarnieri merece um capítulo a parte assim como a Escola Dodecafônica, os compositores da primeira geração pós-nacionalista e a música daqueles que considera os "independentes". Mariz termina o volume abordando "Outros Valores Novos". No final de cada capítulo é apresentada a bibliografia que serviu a Mariz, o que é extremamente prático e animador para novas pesquisas.

Conforme suas próprias palavras tentou fazer uma obra imparcial, eliminando nomes menores entre os antigos e avaliando tudo "sem patriotadas". No entanto, se de um lado a figura do Padre José Maurício (1767-1830) é realçada, por outro, 37 anos após os primeiros trabalhos de Curt Lange, a escola dos músicos mineiros do século XVIII continua no ostracismo. Além disso, julgar os compositores contemporâneos de Lobo de Mesquita (1740-1805) como de significação "histórica apenas" demonstra, por parte de Vasco Mariz, certa desconsideração para com a extensão de seus trabalhos e de seu valor. Em outros momentos, tem-se a impressão de que o autor não se preocupa com o processo de montagem de partituras destes artistas esquecidos. As ressaltas, contudo, não empanam a importância desta história da música tão necessária e esperada.

Flávia Camargo Toni

WOLFSKILL, George and PALMER, Stanley ed. — *Essays on Frontiers in World History*. Austin, University of Texas Press, 1981.

Trata-se aqui de cinco ensaios em homenagem ao historiador Walter Prescott Webb, um dos que mais se dedicaram à história das fronteiras, tendo se destacado com as obras: *The Great Plains* e *The Great Frontier*.

Os estudos contidos em *Essays of Frontiers in World History*, embora abordem o mesmo tema, são independentes uns dos outros. Foram focalizadas fronteiras dos Estados Unidos, do Brasil, da África do Sul e da Austrália, em: *North America's First Frontier, 1546-1603*, de Philip Wayne Powell; *The Frontiers of New France*, por W.J. Eccles; *Ecological and Economic Relationships in Frontier History*: São Paulo, Brazil, de autoria de Warren Dean; *The Southern African Frontier in Comparative Perspective*, de Leonard Thompson; e *Australia, the Frontier, and the Tyranny of Distance*, escrito por Robin W. Winks.

Quanto às fronteiras norte-americanas os trabalhos tratam um, o de Powell, do que ele chama de "fronteira da prata" ou a "fronteira Chichimeca", na zona do México. O outro, de Eccles, analisa a região do Vale do São Lourenço e o estabelecimento dos franceses em terras que correspondem ao atual Canadá.

Warren Dean estuda o desenvolvimento do oeste paulista e a expansão da fronteira nessa região. Coloca o problema do índio e do desbravamento das terras para a cultura da cana-de-açúcar e, posteriormente, do café. Aborda a implantação da ferrovia, o trabalho escravo e a mão-de-obra imigrante. Considera, o autor, que o deslocamento da fronteira paulista trouxe como conseqüências negativas a depredação dos recursos naturais e o desaparecimento quase que total dos nativos da região.

Já Leonard Thompson no seu ensaio intitulado *The Southern African Frontier in Comparative Perspective* mostra que a expansão européia na África do Sul pode ser comparada com a que se deu na Austrália, visto que em ambos os casos os colonizadores foram europeus que, com uma grande superioridade tecnológica, entraram em contato com populações nativas. Chama a atenção, no entanto, para as diferenças existentes entre os nativos de um continente e do outro, o que concorreu para que a relação entre os europeus e esses nativos se desse em termos diversos numa e noutra região. Outra diferença apontada é o fato de na Austrália a colonização ter sido efetuada pelos ingleses enquanto que na África do Sul holandeses e ingleses atuaram como colonizadores. No final do ensaio são feitas algumas comparações entre a expansão da fronteira na África do Sul e da norte-americana, sendo destacados pontos em comum bem como diferenças entre os dois processos.

O livro termina com o estudo de Robin W. Wink sobre a questão da fronteira na Austrália. Tendo a Primeira Guerra Mundial forçado aquele país a repensar sua posição em termos da economia mundial, isto concorreu para uma mudança da tecnologia marítima, sobretudo, com relação à marinha mercante. Para o autor, a fronteira australiana deve, portanto, ser considerada mais em termos dessa mudança — que concorreu para a abertura de novos horizontes em direção ao mar — do que do deslocamento do elemento humano para novas terras.

Os cinco ensaios contidos em *Essays on Frontiers in World History* chegam, por vezes, a conclusões não coincidentes, mas, todos demonstram a complexidade da análise de fronteiras que, a partir dos trabalhos de Webb e Turner, tomaram uma nova conotação.

Lucy Maffel Hutter